

Filosofia e Literatura: uma introdução às questões sobre o gosto e as artes para os Homens de Letras: Voltaire, Diderot e Rousseau

Luciano da Silva Façanha¹

Isis Maria Monteles Bastos²

RESUMO

Este artigo analisa, a partir do pensamento dos *Homens de Letras*, especialmente Voltaire, Diderot e Rousseau, a ideia de gosto como requisito para o domínio das artes, tendo como contexto o século XVIII. Este estudo tem como foco a relação entre Filosofia e Literatura, e como esses pensadores percebiam a importância do domínio das artes como meio de alcançar a razão. Partiu-se de uma análise do *Dicionário Filosófico* e as *Cartas Inglesas* de Voltaire e a *Enciclopédia* de Diderot, além do texto *Sobre o Gosto* de Rousseau.

Palavras-chaves: Literatura; Filosofia; Homens de Letras; Artes; Gosto.

¹ Pós-Doutorado em Filosofia, estética do Século XVIII – PUC/SP. Doutor e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atua na UFMA, como professor Adjunto no Departamento de Filosofia (DEFIL); Coordenador do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade – Professor no Mestrado em Cultura e Sociedade e Mestrado Profissional em Filosofia da UFMA; Coordena o Núcleo de Estudos do Pensamento Iluminista (NEPI); é líder do Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar Jean-Jacques Rousseau (GEPI-UFMA/CNPq). Integrante do Núcleo de sustentação do GT Rousseau e o Iluminismo da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase no Pensamento do Século XVIII, atuando principalmente nos temas relacionados à estética do Século XVIII, História da Filosofia Moderna, Iluminismo, problemas da linguagem na Filosofia, História, Literatura e Belas-Artes. Se dedica aos estudos dos filósofos Jean-Jacques Rousseau, Diderot, Voltaire e Montesquieu e a teoria crítica literária contemporânea de Maurice Blanchot e Roland Barthes, referentes aos estudos estéticos do Século XVIII. E-mail: lucianosfacanha@hotmail.com

² Mestre em Tecnologias Educacionais pelo Programa de pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Avaliação Educacional pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e em Educação à Distância – Tecnologias Educacionais pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR). Graduada em Pedagogia pela UFMA. Assessora Técnico Pedagógica da Pró-Reitoria de Planejamento da UEMA. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Tecnologias Digitais na Educação (GEP-TDE). Atuou como Técnica em Educação no Núcleo de Tecnologias para a Educação da UEMA. Supervisora Educacional de Educação da Secretaria Estadual de Educação do Maranhão. Professora das Séries Iniciais da Secretaria Municipal de Educação de São Luís (MA). Atua com docência no ensino Superior e projetos na área da Educação. E-mail: isismonteles@gmail.com

Philosophy and Literature: an introduction to questions about taste and gear for men of letters-Voltaire, Diderot and Rousseau

ABSTRACT

This article pretends to analyze from literati's thoughts, especially Voltaire, Diderot and Rousseau, the idea of liking as requirement to arts domain, having century XVIII as context. This study has as focus the relation between philosophy and Literature, and how these thinkers realized the importance of arts domain like the way to reach the mind, started from an analysis of philosophical's dictionary and the Voltaires's british letters and the Diderot' encyclopedia, the text about Rousseau's liking yet.

Keywords: Literature. Philosophy. Men of Letters. Art. Aesthetics

Introdução

Em nosso atual modo de ser, a alma desfruta três espécies de prazeres: aquele que extrai do fundo de sua própria existência, outros que resultam de sua união com o corpo, e outros, enfim, baseadas na inclinação e preconceitos que certas instituições, certos usos, certos hábitos lhes impuseram.

Montesquieu

A relação entre Literatura e Filosofia é, sem dúvida, uma das maiores e mais belas questões a serem estudadas, sobretudo se a intenção é de não tratá-las em partes, mas de perceber algumas sutilezas que seus entrelaçamentos causaram ao gênero humano e, desse modo, compreender o contexto em que se pode analisar a relação entre ambas.

Rousseau já dizia que haveria em todos os tempos homens destinados a serem subjugados pelas opiniões de seu século, de seu país e de sua sociedade. Encontra-se, assim, justificativa e precedente fundamental para debruçar-se sobre o século XVIII e aprofundar as discussões sobre a relação entre Filosofia e Literatura, uma vez que esse século é marcadamente conhecido pelo papel que atribui à razão, entendida como instrumento natural para descoberta da verdade.

Deve-se a isso, a escolha do século XVIII para a contextualização deste estudo, que busca um entendimento acerca da relação entre a Literatura e a Filosofia. Ressalta-se que para os pensadores iluministas:

Cabe à razão, mesmo antes da construção do saber, denunciar falsos saberes que se apresentam como verdadeiros, mas que de fato não passam de opiniões; ou, que é mais grave, constituem sistemas articulados de ideias que, muito longe de se preocupar com a verdade, são estabelecidos para servir aos interesses velados (NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2007, p. 22).

O século XVIII é um marco relevante para a história do pensamento ocidental, sobretudo por ser conhecido como Século das Luzes, período em que ocorreram revoluções em todos os níveis e que desempenharam papel fundamental na formação do pensamento humano, principalmente no que se refere às transformações na sociedade e no conhecimento, com relevante ênfase na razão, a qual passa a ser base primária de toda autoridade e, conseqüentemente, busca perceber a importância das artes e do gosto como motivador para que essa tenha o status que lhe é devido.

Considerando as muitas possibilidades de estudo sobre a Literatura e Filosofia, as exposições a seguir objetivam entender o conceito de gosto para os *Homens de Letras*, a partir da descrição e análise sobre o que pensam Voltaire, Diderot e Rousseau a respeito das artes no século XVIII, tendo como referência suas obras (a saber, *Enciclopédia*, *Cartas Inglesas*, *Dicionário Filosófico* e *Sobre o Gosto*) e a relação delas com a construção do pensamento crítico. Intenciona-se compreender como suas artes foram fundamentais para o estabelecimento do papel crítico da razão e, conseqüentemente, da construção do saber.

A Relação Filosofia e Literatura no contexto do século XVIII

Pelas características marcantes que o século XVIII carrega, a saber, por ter sido palco do Iluminismo, e que o fez ser conhecido como Século das Luzes, é fundamental analisar o contexto em que a Filosofia e a Literatura se cruzam de uma maneira diferente da atual, como afirma Matos (2001):

os *philosophes* estavam longe de ser professores universitários e a *philosophie* nada tinha de disciplina técnica. Além do que, a ficção romanesca tinha um estatuto essencialmente ambíguo, mesmo porque não tinha sequer seu lugar

claramente definido no domínio das Belas-Letras, ainda delimitado grosso modo segundo o cânone aristotélico (MATOS, 2001, p. 10).

Esses filósofos ou pensadores iluministas são conhecidos por suas contribuições e obras. Mesmo havendo divergência entre eles, há aspectos que os une, como a luta contra a censura e a intolerância de uma Europa ainda fortemente marcada por um Estado católico, sob autoridade religiosa de Roma.

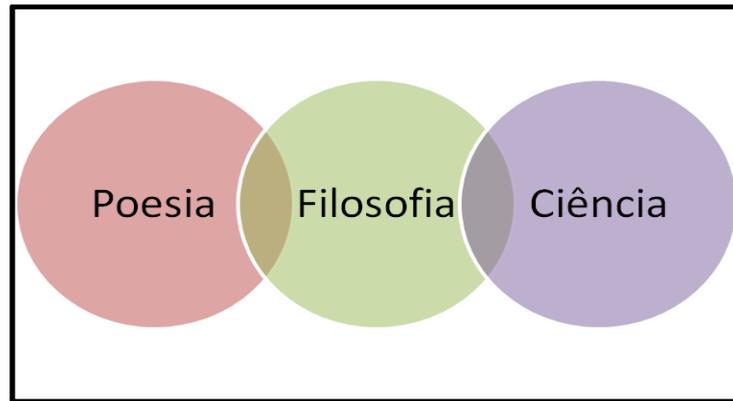
A tensão entre essas estruturas conservadoras e o pensamento iluminista nos leva a um pensar sobre a razão, o que faz com que esses *Homens de Letras* acentuem seu compromisso com a verdade, estabelecendo, assim, uma relação entre conteúdo e forma. Até o século XVIII, a *Poética* se configura como referência para expressão do conhecimento, contudo o que virá nos séculos XIX e XX que será conhecida como Estética só foi possível devido ao fato de no século XVIII se discutir sobre a ideia de Gosto.

O Século das Luzes é caracterizado por diversas transformações em todos os níveis, e uma dessas mudanças marcantes refere-se à "relação da Filosofia com outros gêneros literários, assim como se altera o código da escrita e leitura" (MATOS, 2001, p. 11), marcada pela substituição do oral pelo escrito. Em o *Filósofo e o Comediante* (MATOS, 2001), é possível perceber que,

no exame da prática e da teoria do teatro em Diderot, bem como de sua teoria da 'sensibilidade' ou de seus escritos sobre pintura, da crítica rousseauiana do teatro e de sua concepção da linguagem, senão o movimento tateante pelo qual, ao longo do século XVIII, começa a edificar-se uma nova disciplina filosófica, a Estética que passaria, no século XIX, a dividir com a Lógica o núcleo mais central da própria Filosofia (MATOS, 2001, p. 13).

A Filosofia terá como tarefa a determinação dos limites entre os diferentes usos da linguagem. A partir da lógica da estética, o que importa é pensar o que os une e o que os separa, volta-se assim para a questão sobre "O que é a Literatura?", "O que é a Filosofia?". Tais formulações só podem ser compreendidas a partir da análise dos diferentes modos pelos quais esses questionamentos foram respondidos no passado, sobretudo considerando como no século XVIII se estabeleceu essa relação, conforme apresenta a figura 1:

Figura 1 – Relações entre Poesia, Filosofia e Ciência



Fonte: elaborado pelos autores (2018).

Como bem ilustrou Wittgenstein, se alguém quer escrever Filosofia, precisa fazê-lo poeticamente. Assim, o autor demonstra que a fronteira que separa e une a Filosofia e a Literatura é mais importante do que distancia a Filosofia da ciência, isto porque, segundo ele, a teoria em si, se não intervir na vida, não possui relevância.

Com esse raciocínio fica claro perceber o verbete *Filósofo* descrito no *Dicionário Filosófico* de Voltaire. Segundo a descrição, o filósofo é um homem de bem, que quer agradar e tornar-se útil, que detém as querelas da sociedade (uma vez que almeja o bem desta sociedade), o que o aproxima do poeta. É a busca por essas qualidades sociais que são tão fundamentais quanto às qualidades do espírito. Seu lugar de atuação se diversifica (salões, cafés e salas de espetáculo), tudo isto porque o que o move é o bem da sociedade.

Não há como buscar essas respostas e estabelecer relações, senão pela análise da importância das artes e da constante busca pelo gosto pelos *Homens de Letras* para que se possa perceber a relação entre a Filosofia e a Literatura.

O que pensam os *Homens De Letras* sobre o Gosto no Século XVIII

Para muitos, o século XVIII é o “século da crítica”, haja vista o dinamismo intelectual verificado naquele momento que imprimiu aproximações entre Filosofia, Crítica e Literatura, resultando, contudo, em um enriquecimento recíproco. "Entre o conteúdo da arte e o da filosofia procura-se agora uma correspondência, afirma-se agora um parentesco que, no começo, parece ser percebido de um modo obscuro demais para poder ser expresso em conceitos precisos" (CASSIRER, 1992, p. 368).

Cassirer propõe com esse apontamento que é necessário transpor esse limite anterior, e nesse sentido o Gosto (e tudo relacionado a ele) deve estar voltado a trazer à luz o conhecimento,

mostrando que não deve haver mais limite para o pensa. Nesse sentido, a sensação, o gosto e o que posteriormente será estética não devem ser negligenciados, como destaca o autor:

mesmo que eles apenas sejam esboços imprecisos, pois é, sem dúvida neste inacabamento que se apresenta de maneira mais clara e mais imediata a nossos olhos a elaboração de uma consciência filosófica da arte e da lei que rege essa consciência em sua gênese (CASSIRER, 1992, p. 370).

Sabe-se que coube à Ilustração a glória incomparável de unir com perfeição a obra crítica e a obra criadora, conferindo a cada uma as virtudes da outra (CASSIRER, 1992). Mas, o que pensam os *Homens de Letras* no século XVIII?

O ponto comum a eles era a proposta de democratizar o conhecimento, permitindo, mesmo aos autodidatas, o acesso à tradição, aliada a proposta de “formar” um quadro de tudo que foi construído pelo espírito humano.

O conhecimento envolve, então, uma filiação à tradição antiga ou um rompimento que se dá pela valorização do progresso científico. Essa última disposição está presente já em *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos* do filósofo Fontenelle (2013), leitura de grande impacto no século XVII, cujo autor defendia a superioridade de seus contemporâneos sobre Platão e Homero. Por outro lado, havia o diálogo com os clássicos. Esse contexto configurou-se como a querela dos antigos contra os modernos. Segundo Montesquieu, “antigos não se deram conta desse aspecto; viam como qualidades positivas todas as qualidades relativas da alma [...]. As fontes do belo, do bom, do agradável, estão em nós mesmos; buscar suas razões é buscar as causas dos prazeres da alma” (2005, p.11-12).

A intenção é que as artes (a poesia, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música, a dança), os diferentes tipos de jogos e as obras da natureza possam dar prazer e contribuir para a formação do gosto.

Somente com o acesso e domínio sobre as artes é possível ao homem assegurar sua preferência (o conhecimento). Para Rousseau (2005, p. 235) em *Sobre o Gosto*, “o gosto é pouco suscetível de demonstração, se existe apenas um que seja o bom e que cada qual acredita possuir, somente ao compararmos todos é que podemos nos assegurar daquele que merece preferência”.

Ainda em relação ao acesso ao conhecimento, apontam-se outras personalidades que se destacaram nesse momento da história das ideias, como Voltaire e Dennis Diderot, pensadores que possuem discordâncias e diferenças contrastantes, mas que exerceram papel preponderante durante todo o desenvolvimento das questões mais pertinentes ao Século das Luzes.

Voltaire, o mais festejado dos *Homens de Letras*

Voltaire é, notadamente, o mais festejado dos *Homens de Letras* do seu tempo, e um dos homens mais importantes do século XVIII. Nascido em Paris, em 1694, e batizado Jean-Marie Arouet, não se sabe quando começou a ser conhecido como Voltaire, mas se sabe que se tornou assim reconhecido por uma de suas principais características: seu espírito crítico e estilo irônico, marcas acentuadas em suas obras.

Iniciou sua carreira como poeta e dramaturgo, mas ao longo dos anos enveredou também na produção de outros gêneros, como o conto, a historiografia, os diálogos, e posteriormente nos livros propriamente filosóficos (NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2007, p. 26).

Pode se afirmar com certeza de seu engajamento, fundamental para que fosse reconhecido como um dos principais nomes do Iluminismo. Conforme Nascimento e Nascimento (2007), sua intenção era de trabalhar para que os homens se tornassem progressivamente mais esclarecidos, libertando-se dos preconceitos, da ignorância e do fanatismo.

Tendo como base as obras *Cartas Inglesas*, em que foram analisados os verbetes: Sobre a Tragédia, Sobre a Comédia, Sobre os Senhores que Cultivam as Letras, Sobre a Consideração que deve ter com os Homens de Letras e Academia; e o *Dicionário Filosófico*, da qual os verbetes analisados foram: Fábulas, Filosofia, Filósofo, Letras e letrados e Literatura, o que buscou-se, por meio do entendimento de alguns conceitos de Voltaire, analisar questões relativas à Literatura e Filosofia, com foco no gosto e sua importância para a razão. Para tanto, apresentam-se trechos retirados das obras citadas, a fim de ilustrar essa ideia.

Um dos aspectos que merece destaque é o fato de como ele descreve os conceitos de poeta, visto como representante da dramaturgia clássica.

Respondo-vos que é muito fácil contar em prosa os erros de um poeta, mas muito difícil traduzir seus belos versos [...]. Preferiria duas páginas que me mostrassem algumas belezas, pois mantereí sempre, com as pessoas de bom gosto, que se aproveita mais com doze versos de Homero e Virgílio do que com todas as críticas feitas a respeito desses dois grandes homens (VOLTAIRE, 1978a, p. 33).

E, mesmo verbete, apresenta o filósofo como ser verdadeiramente livre, quando afirma que “houve filósofos de gabinete em França, e todos, exceto Montaigne, foram perseguidos. Parece-me que o último grau da malignidade da nossa natureza está em queremos oprimir os

filósofos que a querem corrigir” (VOLTAIRE, 1978a, p. 188). Para Voltaire, o filósofo é quem denuncia erros, esclarece a opinião pública, contribui para educação dos povos.

Filósofo, amante da sabedoria, quer dizer da verdade. Todos os filósofos tiveram este duplo caráter: nenhum houve na Antiguidade que não desse exemplos de virtude aos homens e lições de verdades morais... Filósofo não é entusiasta, não se erige em profeta, não se diz inspirado dos deuses (VOLTAIRE, 1978b, p. 189).

Cabe ao filósofo o esclarecimento do homem, contudo Voltaire não acredita que esse processo seja linear, pois se esse vir a ser interrompido faz com que o homem retorne ao seu estado de ignorância. Assim, “parece que a tarefa dos séculos mais iluminados e das companhias mais sábias tem sido raciocinar sobre aquilo que os ignorantes inventaram” (VOLTAIRE, 1978a, p. 44).

Enquanto que o poeta, assim como o filósofo, não pode trabalhar isolado, seu interesse deve ser coletivo, conforme destacado no trecho abaixo:

talvez com o tempo a moda de pensar volte... Na Inglaterra o hábito de pensar é comum e as letras são mais honradas aqui do que na França... toda nação necessita instruir-se... Tal estudo conduz naturalmente às belas letras. Em geral, os homens possuem o espírito de sua posição (VOLTAIRE, 1978a, p. 38).

E, dessa forma, apresenta de maneira bem clara e precisa seu entendimento acerca da relação entre Filosofia e Literatura:

esta que chamamos hoje filosofia, não é mais inimiga de Deus do que dos reis. Quis dizer menos inimiga... Se a filosofia honrou a França com a Enciclopédia, é preciso admitir também que a ignorância e a inveja, que ousaram condenar essa obra... é o que ocorre com quem quer julgar uma obra quando não está sequer em condições de estudá-la (VOLTAIRE, 1978a, p. 186).

Voltaire demonstra claramente a importância da Literatura quando aponta que esta não se configura apenas como arte, declarando sua relevância na proposta que apresenta sobre o desenvolvimento do homem. Afirma que "a literatura não é arte particular, é uma luz adquirida sobre as belas-artes [...] chamamos de bela literatura aquela que se atém aos objetos possuidores de beleza: a poesia, a eloquência, a história bem escrita” (VOLTAIRE, 1978a, p. 242).

A Filosofia para Voltaire assume um papel eminentemente crítico, sobretudo ao que se refere aos dogmas da religião, como afirma no verbete Filosofia no *Dicionário Filosófico* (1978b, p. 43), "não são os túmulos dos reis que aí são admirados, mas os monumentos que o reconhecimento da nação erigiu aos maiores homens que contribuíram para sua glória".

Com posicionamentos como esse adota também a característica comum aos pensadores iluministas e crítico do Absolutismo e Despotismo, conforme se percebe ao afirmar que:

[...] é evidente que há um Ser necessário, eterno, supremo, inteligente; mas isso não é artigo de fé, mas, sim, de razão". Não tenho mérito nenhum em pensar que este Ser, eterno, infinito, que conheço como a virtude, a própria bondade, queira que eu seja bom e virtuoso. A fé consiste em acreditarmos, não naquilo que nos parece verdadeiro, mas naquilo que se apresenta como errado e falso ao nosso entendimento [...]. Estamos bem longe de fazer aqui a menor alusão à fé católica (VOLTAIRE, 1978b, p. 184).

Por esses e outros posicionamentos foi confundido como herege. Ele fazia críticas ao fanatismo religioso, que a seu ver impedia os homens de pensar com justeza. Mas, assim como Rousseau, pensava que a injustiça e a servidão não são os males da civilização, mas consequência da ignorância e da falta de conhecimento.

Mas eu tenho uma alma que raciocina muito o meu cão não raciocina nada. Ele quase não tem senão ideias simples e eu tenho mil ideias metafísicas [...]. A vós apenas cabe aprender a pensar; haveis nascido com espírito [...]. Quem não sabe geometria, pode aprendê-la; qualquer homem pode instruir-se: se é vergonhoso que se deposite a alma na mão daqueles aos quais não se confiaria o dinheiro. Ousai pensar por vós mesmos (VOLTAIRE, 1978b, p. 237).

Esses apontamentos nos levam a perceber que para Voltaire a arte e suas manifestações são uma forma privilegiada de ação, sendo ela capaz de levar ao espírito que vivifica o homem.

Diderot e a Enciclopédia

Destaca-se que Diderot (1713-1784) iniciou sua carreira literária, como comentador e tradutor das obras do Conde de Shaftesbury, traduzindo inicialmente o *Inquiry concerning Virtue and Merit*, e desde então, passa a tratar da questão da derivação moral a partir do sentimento de simpatia, uma filosofia baseada na doutrina do *moral sentiment*.

Como era um bom tradutor, Diderot, filósofo e dramaturgo, fora incumbido de rever a tradução do inglês para o francês da *Cyclopaedia de Chambers*. Mas, em suas mãos, essa

tradução se converteu num empreendimento intelectual sem precedentes, a *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Mais conhecida como *Encyclopédie*, foi editada por Denis Diderot em Paris entre 1751 e 1772, e nela colaboraram escritores como Montesquieu, Voltaire, Jean-Jacques Rousseau, entre outros.

Marvin Carlson (1997, p. 147) destaca que Diderot começou a desenvolver seu novo interesse: a dramaturgia. Produziu duas obras de notável originalidade acompanhadas de ensaios sumamente significativos, *Le fils naturel* [*O filho natural*] (1757) e *Le père de famille* [*O pai de família*] (1758), que sugerem reformas no teatro muito mais revolucionárias do que qualquer uma das trombetadas por Voltaire, mencionando a substituição da tragédia e do drama barroco por um novo molde teatral. Ou seja, o nascente drama burguês.

Diderot resolve escrever na *Correspondência*, espécie de emblema de uma nova atitude francesa, dirigida por seu amigo Grimm e destinada a um número reduzido de assinantes. O filósofo terá a ocasião de escrever sobre os Salões, exposições realizadas pelos membros da Academia Real de Pintura e Escultura de Paris, e assim chamadas porque, a partir de 1748, passaram-se no Salão Quadrado do Louvre. Dessa forma, “dará feição definitiva a um novo gênero então praticado em panfletos e gazetas do tempo, que hoje chamaríamos crítica de arte”.

É certo que o século XVIII assinalou êxitos decisivos no campo da crítica de arte; impossível de se realizar sem o conhecimento histórico, que é um dos complementos do juízo crítico, nem tampouco pode dispensar a meditação filosófica que lhe permite situar-se a si mesma e à atividade artística no plano geral da práxis humana. “A atividade de Diderot como crítico de arte não coloca entre parêntese a perspectiva filosófica, mas é uma maneira de afirmá-la segundo os moldes da reflexão sobre a arte no século XVIII” (MATOS, 2001. p. 191-194.).

Porém, mesmo contando com a ilustre figura de Diderot, a crítica de exposições não foi muito prestigiada. Coincidiu com ela a tendência romântica a exaltar os sentimentos em detrimento do esquematismo racional, o que abriu campo à discussão acerca do gênio, do gosto, do prazer e do sentimento.

Portanto, Denis Diderot inaugura a crítica de arte na França. Ao analisar a produção pictórica de seu tempo em *Ensaio sobre a pintura*, Diderot (2000) descreve suas opiniões sobre os elementos que compõem um quadro e sobre como alguns artistas imprimem uma forma especial à sua arte. Preocupando-se com o que move os atos, com o sentimento que vem expresso nos corpos, ele diferencia atitude de ação, considerando a ação como bela e verdadeira, enquanto a atitude, falsa e pequena.

O autor observa que a maioria dos pintores de sua época expressa uma atitude acadêmica às figuras humanas que surgem em seus quadros. No decorrer de suas considerações, ele condena nos princípios da academia, da escola e do maneirismo, a capacidade de criar cenas teatrais e artificiais. Para ele, “é necessário às artes de imitação alguma coisa de selvagem, de bruto, de surpreendente e de enorme” (MATOS, 2001, p. 12).

Esse contexto difere do que é visto como gosto, a saber, refinamento e elegância. Assim, conforme Matos (2001, p. 115), Diderot cultivava uma “estética do esboço” baseada na ideia de imitação da espontaneidade da natureza.

No texto *Ensaio sobre a pintura*, Diderot (2000) observa de forma recorrente que o gosto é próprio àquele que ama a verdade. Ele faz uma distinção entre composição pitoresca e expressiva, em que a expressão se destaca como elemento indispensável. Portanto, a beleza não está na exatidão da forma, mas em um sistema de deformidades bem ligadas e bem necessárias. "O que é, pois, o gosto? Uma facilidade adquirida por experiências reiteradas, para captar o verdadeiro ou o bom, com a circunstância que o torna belo, e de ser por ele pronta e vivamente tocado" (DIDEROT, 2000, p. 212).

Aqui, a ênfase recai sobre a experiência que, ao se presentificar pela memória, ilumina o gosto, se a memória se dispersa e não se tem mais que impressões sobrevêm o instinto, que leva à necessidade de estudo e experiência tanto para produzir quanto para julgar (MATOS, 2001, p. 117). Além disso, ele considera a sensibilidade peça fundamental, mas observa que ela pode confundir e embotar. Portanto, a razão é o melhor juiz, ela ratifica o julgamento rápido da sensibilidade, pois não sabemos o que determina a genialidade de uma obra de arte.

Rousseau e o limite para razão

Sem dúvida, Rousseau (1712-1778) é um autor que se conhece muito mais pelos escritos políticos e pelas obras consideradas de doutrina. Seu texto inaugural *Discurso Sobre as Ciências e as Artes* foi o escrito que celebrou Rousseau, publicado em 1750, em que o filósofo atacava a “mitologia das Luzes”. Porém, sua reflexão ultrapassa essas fronteiras, pois o filósofo também escreveu peças de teatro, contos, romances, além, claro, dos seus monólogos e muitas cartas que compõem os textos de apologética, vários deles, destinados à defesa de si mesmo e de sua própria obra; aquilo que em geral os comentadores entendem como gênero da memória e mais recentemente, autobiografia.

Rousseau tinha consciência que, mesmo Voltaire e Diderot, considerando o teatro não apenas uma diversão, mas um poderoso instrumento de instrução, porém os dois discordavam, pois os meios que deveriam ser postos em prática para potencializar esse poderoso instrumento divergiam.

Por um lado, Voltaire fazia questão de fugir de certo tom familiar burguês que estava cada vez mais em moda no cenário do século XVIII. Ele fazia isso porque achava que o teatro devia ser teatral. Já, Diderot contestava com veemência que o teatro francês dominado pela comédia e pela tragédia clássica, ainda seria capaz de ensinar os homens, de aperfeiçoá-los moralmente.

Dessa forma, Diderot discorda de Voltaire, pois, o que o autor deseja não é apenas a reabilitação dos costumes por meio do teatro, mas a própria reabilitação da cena. Assim, fica evidente que o grande adversário da reformulação da cena de Diderot, o grande mestre da Ilustração, não era outro que não o “patriarca das luzes” Voltaire, ou seja, o teatro clássico francês. É contra o gosto voltaireano que Diderot prefere os antigos e Shakespeare, a Racine.

Contudo, certamente, por senso estratégico, Voltaire e Diderot nunca resolveram publicamente as suas discordâncias em relação a esse poderoso instrumento do século XVIII. Destarte, nas próprias fileiras do enciclopedismo, surgiu a voz discordante que ficaria responsável por essa tarefa, era Jean-Jacques Rousseau, com sua *Carta a d’Alembert*, não com o objetivo de pôr em dúvida este ou aquele ponto do teatro iluminista, mas tendo por finalidade, contestar a própria pretensão que se dá ao teatro uma missão civilizadora.

Jean-Jacques divergia de Voltaire e Diderot, desqualificando o teatro clássico e o drama. Além da comédia, duvidava que o teatro fosse capaz de fornecer algum tipo de instrução, pois o teatro moderno era uma cena privatizada, que, ao invés de juntar os homens, acabava separando-os.

Ademais, para o genebrino, o teatro não tinha nenhum compromisso com a moralidade dos homens, pois “o teatro era antes de qualquer coisa, uma diversão”. Além do mais, o teatro não tinha compromisso com a virtude, mas com as *paixões dos homens*. A cena teatral, sustenta Rousseau, “é um quadro das paixões do seu público. Então, o teatro não tem o poder de intervir sobre a moralidade das pessoas; o teatro só faz reforçar as paixões do seu público” (ROUSSEAU, 1993, p. 41).

Na *Carta à D’Alembert sobre os espetáculos*, Jean-Jacques ressaltava como a imitação dos costumes colaborou na *corrupção do gosto* observada nos “progressos sofridos” pelo homem dentro de uma perspectiva do declínio. O filósofo contrapõe natureza à cultura,

sugerindo que se consulte a natureza na recusa à imitação dos costumes dessa sociedade, necessariamente corrompida.

E em seu texto *Sobre o Gosto*, Rousseau (2010) destaca a íntima relação que existe entre o gosto e os costumes. Assim, para ele, o gosto não pode ser demonstrado objetivamente, pois teríamos que observar cada manifestação que qualquer indivíduo crê possuir como o melhor entre todos. A presunção de possuir o bom gosto faz surgir o argumento que se fundamenta em um jogo de forças. E, assim, dar importância demasiada ao gosto é próprio de quem não o possui verdadeiramente. O gosto verdadeiro apresenta-se como um hábito, cuja ação dispensa discursos retóricos.

A compreensão a respeito do belo não pode se dar de forma abstrata, instaura pela medida dos afetos que, no homem, é a sua própria medida. Se, de acordo com Rousseau, tomamos nossos modelos dos objetos que amamos sendo esses objetos parte da natureza, podemos dizer com ele que “todos os verdadeiros modelos de gosto estão na natureza” (2010, p. 236).

Com efeito, o homem produz o belo pela imitação da natureza. Desta forma, Rousseau (2010) sentencia que o belo, que tem por regra somente as nossas fantasias, sujeito ao capricho e à autoridade, reduz-se ao que agrada aqueles que nos guiam.

Para o autor, o que guia as pessoas é aquilo que se torna, de algum modo, referência para nossas escolhas, dentre os quais se encontram os artistas e os ricos, que são movidos pela vaidade. O belo que eles pretendem impor não imita a natureza, mas antes a contradiz. Assim, eles ditam as tendências, impondo uma moda que corrompe e reforça o vício, pois é sustentada por ele. Dessa forma, os que são considerados os melhores, são, na verdade, os que corrompem. E, por sua vez, o gosto que eles conduzem os alimentam a partir de preconceitos que os vícios sustentam.

Se os vícios alimentam modelos corrompidos que reforçam preconceitos e desonestidades, o problema aqui está na maneira como esses modelos disseminam deformações que distanciam do natural, pois é a vaidade que conduz as desgraças para o seio da sociedade. Conseqüentemente, o modelo corrompe, porque ensina a seguir pelo engano e a esquecer os próprios sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode perceber, o século XVIII imprimiu um novo pensar, tanto na expectativa realçada a partir de um grande otimismo na razão, considerando que todos os problemas pudessem ser elucidados, esclarecidos e iluminados por esse viés, quanto no avanço das ciências, passando a acreditar que afastaria todas as sombras e instauraria a claridade e a lúcida compreensão de todas as coisas. Conforme Façanha (2007, p. 94-95),

em lugar das superstições, do mistério, das credices, da cega submissão à autoridade, seria instalado o primado da razão, o reino das luzes. E, se no plano do conhecimento isso significaria o fim da ignorância, no plano social e político representaria a base para a defesa da liberdade e da igualdade entre os homens.

Dessa forma, o otimismo que alimenta a raiz do pensamento do século XVIII se tornou conhecido como a época do Iluminismo, da Ilustração, ou como o Século das Luzes. Esse período histórico caracterizou-se por um estado de espírito que se manifestou não apenas na reflexão filosófica como também nos diversos aspectos da atividade humana.

Para os iluministas, o homem é o principal responsável pela construção da história, pois são eles mesmos que determinam o curso dos acontecimentos, "tecem o futuro com suas ações", levados por suas paixões, por seus conhecimentos e suas concepções de mundo (CASSIRER, 1992, p. 368).

Fica evidente que não havia fronteiras rígidas entre os discursos sobre artes e gosto para esses *Homens de Letras*, o que vem confirmar que a Filosofia se constrói e complementa ao lado da Literatura e das artes. Fica evidente que cabe a elas contribuir com a educação dos povos, com a construção da opinião pública. Tanto ao filósofo ou poeta (escritor) não cabe mais meditar sobre assuntos de interesse de poucos, mas, ao contrário, deve envolver-se na vida dos homens, posicionar-se em suas querelas e defender as causas do homem.

Observa-se que um dos fatos mais marcantes do século XVIII e dos pensadores iluministas foi à importância dada as suas ideias e obras, todas concebidas como instrumento para esclarecimento dos povos e para libertação, e que uma vez dissolvida essa ignorância, todo o mundo pudesse experimentar desse progresso, o acesso aos valores e ao conhecimento, levando ao entendimento que o tempo e a construção deles são abertos aos homens, e cabe ao homem as condições para que os valores possam ser justos e iguais.

REFERÊNCIAS

CARLSON, Marvin. **Teorias do teatro**: estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

CASSIRER, Ernest. **A filosofia do Iluminismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

DIDEROT: Ensaio sobre a pintura. *In*: DIDEROT. **Obras II - Estética, poética e Contos**. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 161-214.

FAÇANHA, Luciano da Silva. O diagnóstico do “declínio do progresso” no século XVIII a partir da iluminação de Rousseau. **Ciências humanas em revista**, São Luís, v. 5, número especial, p. 93-101, 2007.

FONTENELLE. **Diálogos sobre a pluralidade dos mundos**. Rio de Janeiro: Fundo Tipográfico “Augusto Conte”, 2013.

MATOS, Franklin de. **O Filósofo e o comediante**: Ensaio sobre literatura e filosofia na ilustração. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat. **O gosto**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

NASCIMENTO, Milton Meira; NASCIMENTO, Maria das Graças Souza. **Iluminismo**: revolução das luzes. São Paulo: Ed Ática, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a d’Alembert sobre os espetáculos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

_____. Sobre o gosto. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. 16, p.235-236, 2010.

VOLTAIRE. **Cartas Inglesas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978a.

_____. **Dicionário Filosófico**. São Paulo: Abril Cultural, 1978b.

Artigo recebido em: 19/08/2017

Aceito em: 30/05/2018

Publicado em: 17/12/2018